

Mão na massa para construir Bela Aurora

Após vencer as alturas, os primeiros habitantes dos lotes situados no morro se uniram até para instalar rede de esgoto

Nós procuramos estar sempre por perto dos nossos clientes. É uma forma de agradecer a preferência e a confiança.

**LABORATÓRIO
Fleming**

Av. Espírito Santo, 230
226.1563 **Bela Aurora**

O bairro Bela Aurora, em Cariacica, surgiu no início da década de 60 com a abertura de um loteamento. Quando chegaram ao local, as primeiras famílias encontraram apenas a demarcação dos terrenos. Ruas, casas, rede de esgoto, água, iluminação e linhas de ônibus não existiam no bairro.

Não faltou empenho da comunidade. Em dezembro de 1964, o carpinteiro aposentado Alípio de Paula, 77 anos, chegou com a mulher e os sete filhos num terreno localizado no alto do morro.

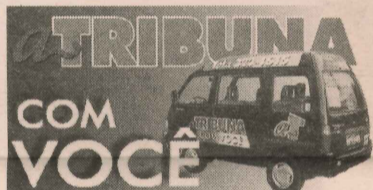
"Era preciso buscar água no poço. Nas casas existiam fossas improvisadas que acabavam contribuindo para a proliferação de mosquitos", lembrou.

Em muitas ruas, como a São Jorge, os moradores se juntaram para comprar as primeiras manilhas da rede de esgoto.

Um dos maiores desafios foi vencer a topografia acidentada do bairro. Para chegar até os lotes era preciso subir um morro inclinado. O desafio imposto pela natureza gerou alguns transtornos para os moradores.

TRANSPORTE

Alípio de Paula lembra que uma das empresas de transporte coletivo do município se recusou a percorrer todo o território local. O ponto final da linha se situava antes do início da subida, onde hoje está localizado o Destacamento da Polícia Militar (DPM).



"Os proprietários da empresa diziam que ônibus não era cabrito para subir morro", brincou o morador. Mais tarde, uma outra empresa começou a atender todo o bairro.

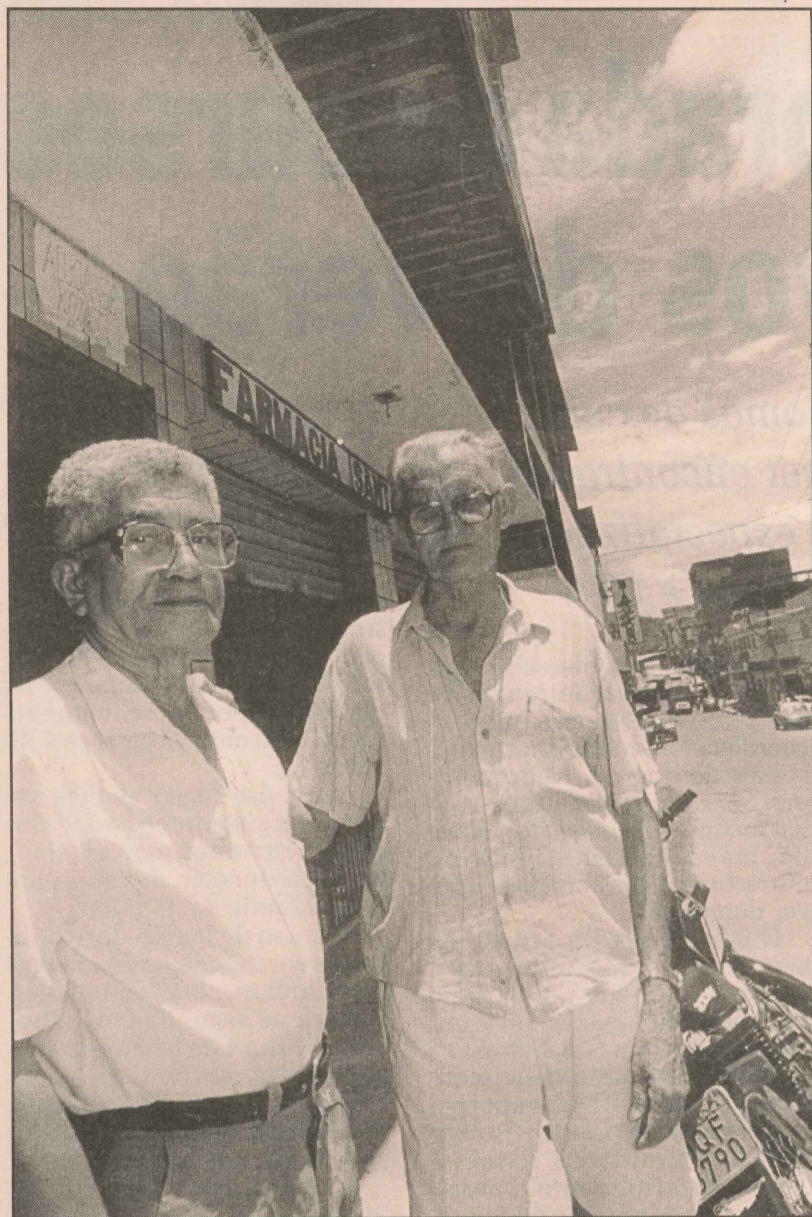
Ainda assim, encarar o morro não era fácil. "Os veículos deslizavam. Era preciso jogar brita na pista para facilitar a subida dos ônibus", contou Alípio.

Vindo do norte de Colatina, o chaveiro Tarcílio Montanari, 68, conta que não era possível subir a ladeira em linha reta mas fazendo curvas.

A comunidade conseguiu um trator da administração pública estadual para diminuir a inclinação do terreno. "Foram três dias de trabalho. O serviço era cobrado por hora. Chegou a diminuir uns três metros de altura do morro", contou o chaveiro.

Com o tempo, as obras de pavimentação – que não surgiram de forma rápida – ajudaram a diminuir a inclinação da pista.

Na época de formação do bairro, lembrou Tarcílio, o loteamento foi implantado sem nenhuma urbanização. Mas, havia compensações. "Apesar de não haver conforto, o bairro era mais tranquilo", recordou Alípio.



Alípio (E), 77, lembra a dificuldade para habitar o morro

Ajuda para crianças carentes

Cento e trinta crianças e adolescentes carentes do bairro de Bela Aurora estão começando o ano de 1999 com novas perspectivas. No ano passado, estes meninos aprenderam ofícios que poderão, no futuro, ajudar a melhorar a renda de suas famílias.

A iniciativa é desenvolvida há 11 anos pela Pastoral do Menor da Comunidade Eclesial de Base de São Pedro. Desde a sua criação, o projeto procura evitar o contato das crianças e dos adolescentes com a rua.

Vinte voluntários da comunidade se revezam para ministrar cursos de pintura, bordado, confecção de bolsas e boné e manicure para alunos de 7 a 17 anos. As aulas acontecem nas salas do Centro Pastoral Padre Giovanni Martino.

Do ano de 1997 até agora, 10 alunos acima de 14 anos conseguiram emprego através do encaminhamento do projeto. A maioria trabalha nos Correios devido a um convênio desta empresa com a Cáritas Arquidiocesana.

CARÊNCIA

"Além da formação profissional, os meninos recebem orientação para a vida", destacou a assessora da Pastoral, Maria Célia Delarmelina Secchin.

Os participantes são de fa-

mílias carentes – com uma média de seis filhos – que vivem em barracos, com um ou dois cômodos, sem saneamento básico. Na maioria, os pais estão desempregados ou sobrevivem de biscates e a renda mensal varia de um a dois salários mínimos.

Algumas crianças e adolescentes ainda são vítimas de maus tratos físicos e psicológicos. "Podemos encontrar famílias envolvidas em situações como alcoolismo, marginalidade, prostituição e uso de drogas", detalhou a assessora.

Para participar do projeto, as crianças e adolescentes devem estar na escola. "Aproximadamente 50% dos participantes estão com defasagem escolar, ou seja, com dois a três anos de atraso na escola", informou Maria Célia.

Apesar do empenho da comunidade, o projeto não dispõe de profissionais como psicólogos, pedagogos e assistentes sociais para prestar um acompanhamento técnico a estes meninos.

"Utilizamos nossa sensibilidade e o aprendizado do dia-a-dia", explicou. O curso sobrevive da venda de metade dos trabalhos produzidos pelos alunos. A outra metade da produção fica para os meninos.